

APRESENTAÇÃO

IMAGEM EM MOVIMENTO E CULTURA VISUAL

O décimo número da Revista CEM/Cultura, Espaço e Memória, subordinado ao tema Imagem e Movimento e Cultura Visual, surge na sequência de um conjunto de iniciativas com forte incidência na imagem em movimento e no património organizadas pelo CITCEM. Destacam-se o Congresso Internacional Genius Loci: Lugares e Significados (2016), o V Congresso Internacional de Cidades Criativas (2017) ou o XVI Congresso das Jornadas Internacionais em Educação Histórica (2017), abrindo oportunidades para uma reflexão inter, pluri e transdisciplinar. A estas iniciativas, junta-se ainda o reforço da oferta formativa nestas áreas por parte da FLUP com cursos como a Especialização em Cinema e Cultura Visual.

O objetivo deste número da revista é, assim, o de promover uma reflexão sobre a imagem em movimento, nos seus diversos meios, e sobre a cultura visual, entendida sob múltiplas perspetivas e relações, como, por exemplo, com a História da Arte, com os Estudos Visuais, com a História, com os Estudos em Património ou com os estudos e práticas do Cinema. Note-se que a opção pela utilização da expressão *imagem em movimento* foi consciente e procurou ir de encontro a uma preocupação crescente sobre o lugar do cinema no panorama tecnológico atual. Para lá daquilo que podemos designar como uma incerteza ontológica da cinematografia enquanto meio – originada pelo desenvolvimento de meios técnicos de imagem em movimento já históricos, como a televisão ou o vídeo, ou catalisada a níveis sem precedentes pelas possibilidades dos meios digitais –, encontramos-nos, atualmente, perante um ativo questionar sobre a forma como fazemos, vemos e pensamos (ou sentimos) cinema.

Nesse sentido, além da facilidade com que se questionam os limites da definição de cinema, estamos igualmente perante um status quo tecnológico no qual as plataformas digitais alimentam e condicionam muito daquilo que é não só consumido sob a designação (deliciosamente anacrónica) de *filme*, mas também produzido ao abrigo do mesmo conceito, hiperbolizando deste modo os fenómenos de contaminação bilateral entre a produção televisiva e cinematográfica.

Por *imagem em movimento* entendemos, deste modo, os diversos meios tecnológicos e respetivas questões de produção, exibição, receção ou estudo (entre muitas outras), bem como possibilitamos um questionar ativo, e consciente, dos problemas concetuais inerentes à terminologia tradicional e à sua pertinência no panorama atual. Não podemos, porém, ignorar o lastro afetivo da expressão *ver um filme*, ainda que seja em casa,

ou mesmo a identificação clara daquilo que é cinema e não uma *série de televisão*. É notório como, ainda que de um ponto de vista limitado ao contexto de receção estrita dos objetos, o atual *status quo* tecnológico alterou severamente a forma como acedemos aos conteúdos, colocando na mesma hierarquia de visualização a produção cinematográfica destinada ao *grande ecrã* e a produção de conteúdos para o consumo doméstico, ainda que já não necessariamente em televisão, mas sim num ecrã de pequenas dimensões (mas de grande qualidade). Num ambiente de receção frequentemente comprometido do ponto de vista sonoro, perder-se-á muitas vezes, e irremediavelmente, o trabalho da sonoplastia, permanecendo insondáveis os desígnios de bandas sonoras que tantas vezes esclarecem o sentido das imagens com as quais organicamente se fundem na essência dos meios audiovisuais. Renovam-se, deste modo, problemas já clássicos do foro epistemológico, claramente demonstrados, uma vez mais, pelas questões terminológicas, mas potenciados agora por contextos de receção cada vez menos dependentes do produtor dos objetos.

A potencial anulação de uma hierarquia das imagens e dos sons, bem como dos seus meios, tal como o risco de comprometimento do seu sentido, encontram um corolário na fácil migração que as mesmas experienciam nos meios digitais, transgredindo tempos, espaços e contextos culturais, sendo avidamente consumidas e recriadas por olhares formados num copioso sincretismo visual. Como redenção deste muito complexo fenómeno de receção ainda por compreender nas suas constantes mutações, encontra-se o extenso universo de possibilidades que os meios digitais permitem para os estudos da imagem em movimento, superando finalmente as limitações do tempo absoluto do visionamento. Não deixa de constituir uma ironia que tal resgate da imagem da voracidade do movimento do meio decorra justamente dos passos que foram dados para garantir a sua total imaterialização.

A implícita dimensão afetiva da relação com os objetos, seja num visionamento livre ou no visionamento analítico, expressa-se numa componente relacional entre o meio e o (audio)observador, e no próprio contexto de receção das suas imagens e sons. Tal é sobremaneira importante quando pensamos a imagem em movimento segundo uma ótica patrimonial ou, especialmente, no seu papel nos fenómenos de construção inerentes ao estudo das imagens e da cultura visual, a qual se configura como necessariamente multisensorial.

Este cruzamento é, do mesmo modo, igualmente profícuo pelas múltiplas formas de pensar e analisar as imagens que convoca. Inerente a uma reflexão baseada, como vimos, não só na interdisciplinaridade colaborativa, mas também no convocar de olhares de recorte mais específico, ou assumidamente transversais às várias disciplinas que, habitualmente, se dedicam ao estudo do cinema. Assim, intentamos também com este dossier temático, e respetiva preparação e solicitação de artigos científicos, afastarmo-nos de uma visão que decorresse unicamente das abordagens tradicionais dos estudos fílmicos, por percebermos que aquela resultaria demasiado exígua e relutante em incluir perspetivas possibilitadoras de olhares renovados sobre os objetos, a sua receção e a sua inserção no universo das imagens e dos sons. O mesmo se aplicaria às abordagens temáticas, que

tantas vezes se concentram apenas na mensagem veiculada pelas imagens em detrimento das questões narratológicas e visuais, bem como nos contextos de receção daquela.

Questões como a antropologia da imagem e os estudos em cultura visual, as relações intermediais no âmbito das imagens e, especificamente (ou não), da imagem em movimento, os patrimónios relacionáveis com a imagem em movimento, o seu papel enquanto fonte para outros estudos, ou o seu papel na Educação Histórica, foram igualmente alguns dos pontos que procurámos ver debatidos neste dossier temático. Por outro lado, pretendemos refletir igualmente sobre as suas aplicações no mundo contemporâneo, com as consequentes implicações na sociedade e com os reflexos nas práticas pedagógicas e na literacia (audio)visual, bem como nos desafios que os novos meios promovem ao estenderem a sua linguagem e as suas significações para lá de uma componente imagética. O conjunto de textos selecionados para este décimo volume da revista *CEM / Cultura, Espaço e Memória* oferece, assim, diferentes reflexões sobre problemáticas, desafios e particularidades do nosso conhecimento e da nossa experiência visual e sonora. Combinam, de forma interessante, perfis de investigação diversificados, onde âmbitos mais teóricos ou genéricos convivem com experiências práticas ou análises de carácter mais específico. Abarcando diferentes campos do saber, estes artigos movimentam-nos (como às imagens) por uma *timeline* não-linear de pensamento e análise crítica. Constituem diferentes planos cinematográficos, numa estrutura que os envolve de sentido divergente na expressão e tendencialmente convergente na receção.

Nesse sentido, são várias e complementares as leituras sobre a relevância – histórica ou contemporânea – da imagem em movimento no contexto da cultura visual. Sílvia Bento permite-nos começar por uma relevante reflexão em torno do estatuto da imagem no contexto da experiência estética, relevando as possibilidades – e complexidades – das relações entre produtores e recetores em contextos artísticos. João Ricardo Antunes Mateus expande esta reflexão para o campo da tecnologia e da automação, aproveitando a obra «Hesitant Hand» de Pakui Hardware para uma análise da imagem como resultado e símbolo das mediações tecnológicas que hoje tão incontornavelmente nos definem. Sílvia Raposo conduz-nos para o campo da performance artística – a partir da peça «Não Khalo» – como espaço privilegiado para a incorporação de imagens pessoais e culturais que beneficiam da capacidade polissémica e aberta da expressão cinematográfica. Maria Inês Lopes e João Rebelo desenvolvem esta análise da relação cinema-imagem-cultura a partir do filme *Acto da Primavera* (1963) de Manoel de Oliveira, indagando potenciais inflexões entre a realidade e a sétima arte pela teatralização do real e o seu reflexo em termos visuais e culturais. Pedro Mota Tavares explora as proximidades entre o cinema e os fenómenos culturais a partir do *Auto da Floripes* e da ideia do cinema como «gesto cultural» que problematiza passados e presentes a partir da relação entre obras, contextos, autores e recetores. Miguel Cruz reforça a relevância desta relação com o filme «Ruka» (1965) de Jiří Trnka, ampliando-a para um prisma ideológico onde as ideias de máscara e subversão surgem associadas à abertura das imagens para diferentes interpretações e implicações sociopolíticas. Clara Maria Silva também se posiciona nas fronteiras e ramificações da expressão cinematográfica, pela análise da sua relação com a literatura e

propondo uma leitura intersemiótica de José Saramago e Dennis Villeneuve, que nos esclarece sobre as distintas configurações e significações narrativas em cada uma destas expressões artísticas. As possibilidades interpretativas e polissémicas do cinema são também objeto de estudo por parte de Joana Isabel Duarte, cujo texto lança um olhar retrospectivo para discursos, modelos e experiências do cinema educativo em Portugal e, especificamente, no Porto, entre as décadas de 1920 e 1950. Helena Isabel Almeida Vieira posiciona-se igualmente no âmbito do potencial pedagógico do cinema e no cruzamento entre a sétima arte e a História, tomando o documentário «Instituto Moderno do Porto» como *case-study* para a celebração da inovação pedagógica pela imagem em movimento. Ainda no campo da História, Isabella Alessandra Cortada propõe-nos um posicionamento do cinema como modo de preservar a memória do passado como bússola para presente e futuro, focando a sua investigação no filme «El Labirinto del Fauno» de Guillermo del Toro. Por outro lado, Ana Isabel Barbosa Lino explora o mesmo conceito de memória através da fotografia e de um estudo de caso português (o fotógrafo Jorge Henriques), realçando a capacidade fotográfica de retenção significativa de um espaço que, através das suas imagens, se abre à preservação da sua memória. Carla Sequeira e Otilia Lage exploram a imagem do vinho através de uma análise histórica e semiótica dos rótulos dos vinhos Quinta do Vesúvio, relacionando-os com a tradição e com os significados geográficos e socioculturais da região do Douro Superior. José Rodrigues Filho ocupa-se também dos significados visuais, mas expostos e propostos na literatura de cordel, tomando o caso do cangaceiro Antônio Silvino como exemplo das possibilidades visuais de diálogo intracultural e intertemporal. No campo da banda desenhada, Maria Abellán Hernández promove uma análise da obra «The Prince and the Dressmaker» para refletir sobre a relação entre o explícito e o implícito na imagem, propiciadora de leituras sociais e culturais que expandem a aparência da obra em sentidos e implicações comprometidas social e culturalmente. Finalmente, Jaime Martínez Barahona, Francisco García García e Óscar Estupiñán relevam este potencial da imagem em induzir transformações sociais e culturais, utilizando o campo dos videojogos como contexto para repensarmos noções de acessibilidade e testar novos modelos de democratização do acesso à experiência visual lúdica.

Na secção *Varia* desta revista incluímos duas contribuições que, embora se afastem do formato de texto científico, se encontram diretamente relacionadas com o tema deste número e que funcionam como complemento das reflexões dos vários autores. A primeira é uma entrevista inédita com Manuel Matos Barbosa, cineasta do chamado Grupo de Aveiro, conduzida por Fábio Jesus, constituindo uma preciosa fonte para o estudo deste cineasta e do contexto cinematográfico com o qual contactou. A segunda é um breve texto de apresentação e reflexão em torno da curta-metragem *Tu Pescas, eu filmo* (2019), de Lucas Tavares, a qual se encontra acessível na plataforma YouTube através desta revista. Ambas as contribuições foram desenvolvidas no âmbito da edição de 2018-2019 do Curso de Especialização em Cinema e Cultura Visual da FLUP.

Todos os autores e textos referidos indagam, como referimos, o lugar dos diferentes polos de comunicação a partir do potencial polissémico, representativo e simbólico das

imagens. Com profundidade e diversidade, contextualizam-nos a experiência visual dentro do espectro amplo da cultura, como veículo para pensá-la, senti-la, vivê-la e, acima de tudo, problematizá-la. São bússolas heterogêneas que servem não apenas para (re)orientar perspectivas, mas também para propor e testar novos caminhos e horizontes. Das imagens que se movem às palavras que aqui as fixam, esperamos que este volume represente um relevante contributo científico para uma reflexão em torno da cultura e do papel da imagem na sua expressão e experiência.

Hugo Barreira
Pedro Alves
(Novembro de 2019)